

BIBLIOTECA

Journal: *A Tarde*

Data: *29/5/09*

Caderno: *Salvador* Página: *A6*

Assunto: *Bairro*

PROTESTO Poluição sonora, insegurança e degradação do patrimônio histórico são maiores queixas

Moradores da Barra reclamam da ocupação desordenada do bairro

LUISA TORREÃO

Carnaval, Réveillon, caminhadas, competições, comícios políticos. A Barra já se transformou em uma grande casa de eventos a céu aberto. Pelo menos, é o que reclamam moradores do tradicional bairro soteropolitano. “O Farol, de 365 dias no ano, passa uns 200 com um palanque na frente. São 15 dias para montar e um mês para retirar”, provoca o comerciante Jorge Biscaia, 49 anos, nascido e criado no local.

A constante realização de eventos interfere na vida dos habitantes locais: ruas são interditadas, o trânsito é alterado, o passeio público torna-se desordenado, sem contar a poluição sonora. “Tudo é feito aqui. Ninguém aguenta mais. Todo domingo é uma maratona, um ciclismo. Para se ter noção, fim de semana passado, teve até passeata dos que não comem carne”, queixa-se Biscaia, morador e proprietário de dois bares no bairro.

Segundo ele, um dos estabelecimentos, localizado na Av. Marquês de Leão, chega a perder clientes, quando há alteração do tráfego. “Fica vazia a casa, pois as pessoas não conseguem chegar. E quem mora aqui fica ilhado”, reclama. Além disso, ele aponta que a realização dos eventos provoca outras turbulências. “É bagunça, é lixo, é carro arrombado. É uma arruaça”, pontua Jorge Biscaia.

Para a bióloga Ieda Domingos, moradora do bairro há 37 anos, há um outro viés: “O que me preocupa são os monumentos histórico-culturais. O Farol está em processo de total degradação, com fissuras. O marco de fundação da cidade está pichado, e o Forte Santa Maria, abandonado. É tudo tão lindo e tão descuidado”.

Uma das soluções que Ieda sugere é a criação de uma espécie de “axedôdromo” na Av. Paralela ou no abandonado Shopping Aeroclube, espaço para a realização de grandes festas e até parte do Carnaval. “A poluição sonora é um problema seríssimo”, salienta.

Os problemas não param por aí. Ieda mora em frente à única pracinha próxima à orla, na Rua Barão de Sergipe. No chão, buracos descaracterizam o passeio de pedras portuguesas. Não há bancos para sentar, muito menos qualquer equipamento de lazer infantil. “Pior são as pessoas que ficam dormindo aqui, usam drogas, até sexo fazem. As crianças não conseguem ter acesso”, denuncia.

Segurança

A marginalização também é o principal problema destacado pela baiana de acarajé Neide Silva, 36, que há 10 anos vende o quitute no calçadão da orla. “Isso vem em primeiro lugar. Tem dia que não tem policiamento. Segunda-feira, fui trocar R\$ 20 na barraca de coco, quando voltei tinham levado cinco cocadas do meu tabuleiro”, lembra.

“É tudo tão lindo e, ao mesmo tempo, tão descuidado”

IEDA DOMINGOS,
moradora do bairro há 37 anos

O vendedor de coco, há mais de 20 anos, Mário Sérgio Pereira, 36, conta já ter presenciado alguns assaltos da calçada do Forte Santa Maria. “Só nessa área, um a dois assaltos por dia, no fim de semana. Esta semana, já levaram a corrente de ouro de uma senhora”, afirma.

Mário Sérgio também se queixa da poluição sonora do ambiente. Segundo ele, por vezes param dois carros, ao longo da mesma calçada, cada um tocando uma música diferente, em volume alto. “Saio daqui, à noite, com aquela zoada na cabeça”, diz.

A baiana de acarajé Neide

Silva sofre com outro inconveniente: não há um banheiro público sequer, em todo trecho do Farol ao Porto. “Quando preciso, tenho que deixar alguém no meu lugar. Peço para usar o banheiro de um hotel, uma pousada, ou vou até o mercado, que é mais distante”, revela.

Movimento iniciado na internet vai hoje às ruas

Cansados de se deparar, diariamente, com a mesma imagem de cartão-postal manchado, moradores resolveram se juntar em um grande ato simbólico que acontece hoje, às 10h, em frente ao Farol. O ato serve de lançamento ao movimento SOS Barra, iniciado na internet há cerca de dois meses.

O que começou como uma mensagem indignada contra o abandono do bairro, no site de relacionamentos Facebook, acabou se transformando numa grande rede ativista, que reúne mais de mil aderentes virtuais, e pretende levar às ruas quase cinco mil pessoas. O ato consiste na leitura de um manifesto e em um abraço simbólico ao Farol.

Autor da postagem que deu partida ao movimento, o designer de mobiliários Antônio José da Motta, morador local há 35 anos, diz que um documento de reivindicações será elaborado e entregue aos órgãos oficiais competentes. Ele faz uma ressalva, porém: “A intenção nossa é maior do que sensibilizar as autoridades. É uma questão de transformar comportamentos e atitudes da população”.

Como boa parte dos moradores, Motta critica a excessiva realização de grandes eventos. “Tudo quanto é corrida, show público, acontece na Barra. Não se tem respeito aos direitos dos habitantes, como osilêncio”, destaca.

Ele diz que o bairro não possui infraestrutura real que suporte os eventos, e sugere que a realização deles seja alternada em bairros diferentes. “Salvador tem uma orla imensa. Por que não privilegiar Plataforma ou Patamares?”, questiona o designer.

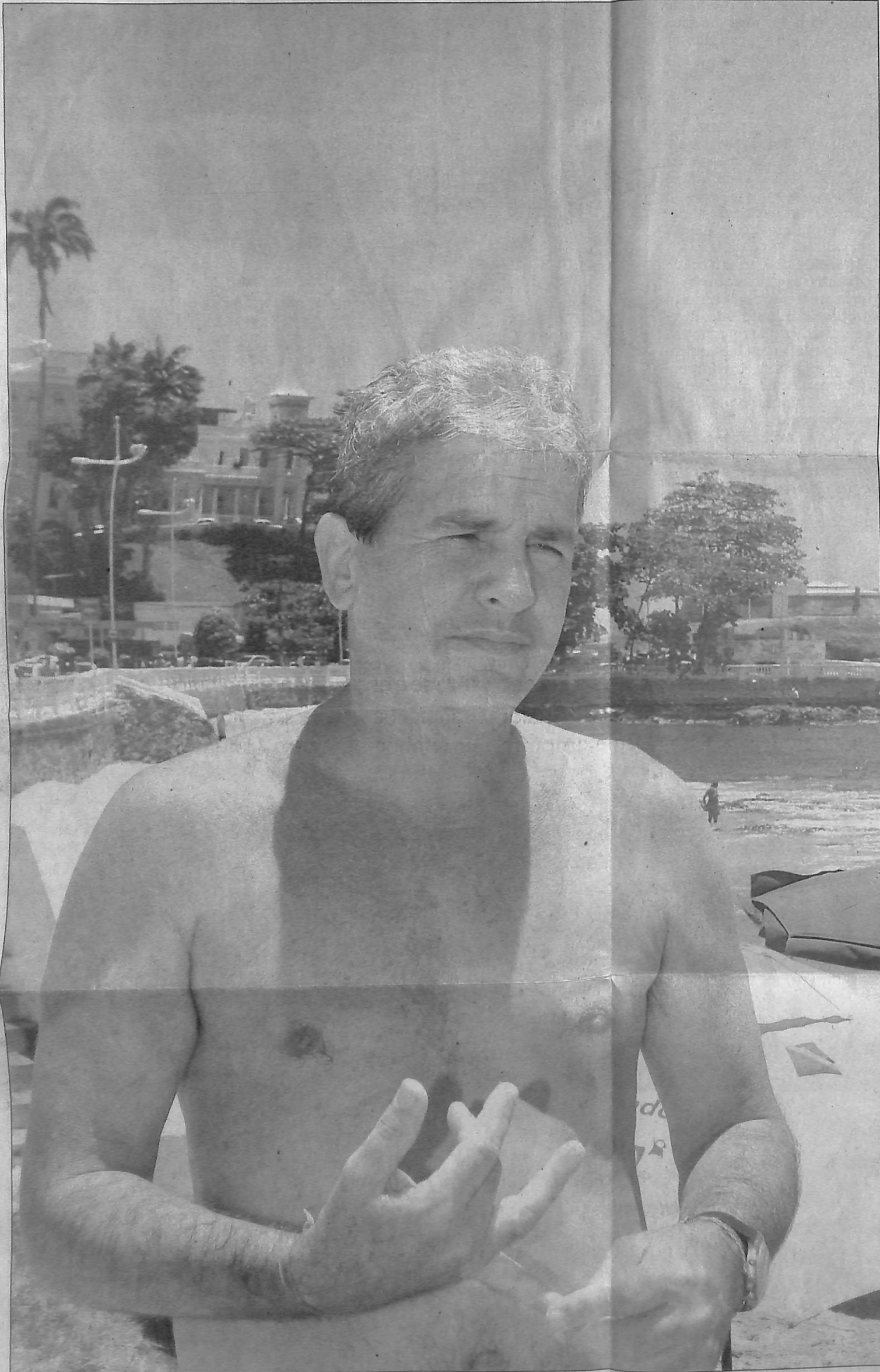
PROBLEMAS E POLÊMICAS NO BAIRRO

22/11/2009 Moradores do Edifício Oceania, na Barra, embargam festa no local após acionarem a Superintendência de Meio Ambiente (SMA)

05/07/2009 Especialistas de conservação advertem sobre fissuras no Farol da Barra, que podem ser agravadas, tanto pelas intempéries como pelas vibrações provocadas pelos altos decibéis de tríos elétricos e shows

13/07/2008 Moradores da Barra protestam pela retirada de seis amendoeiras. A Superintendência de Parques e Jardins justifica que o corte foi feito após ter constatado riscos de as árvores caírem

26/06/2008 Prefeitura inicia retirada de pedras portuguesas da orla da Barra. Substituição por concreto dividiu opiniões.



O morador Jorge Biscaia: “Tudo é feito aqui. Ninguém aguenta mais. Teve até passeata dos que não comem carne”

Luciano da Matta / Ag. A TARDE